LUX JORNAL

DIÁRIO CATARINENSE
FLORIANÓPOLIS - SC

PUBLICADO EM:
16 ABR 1997

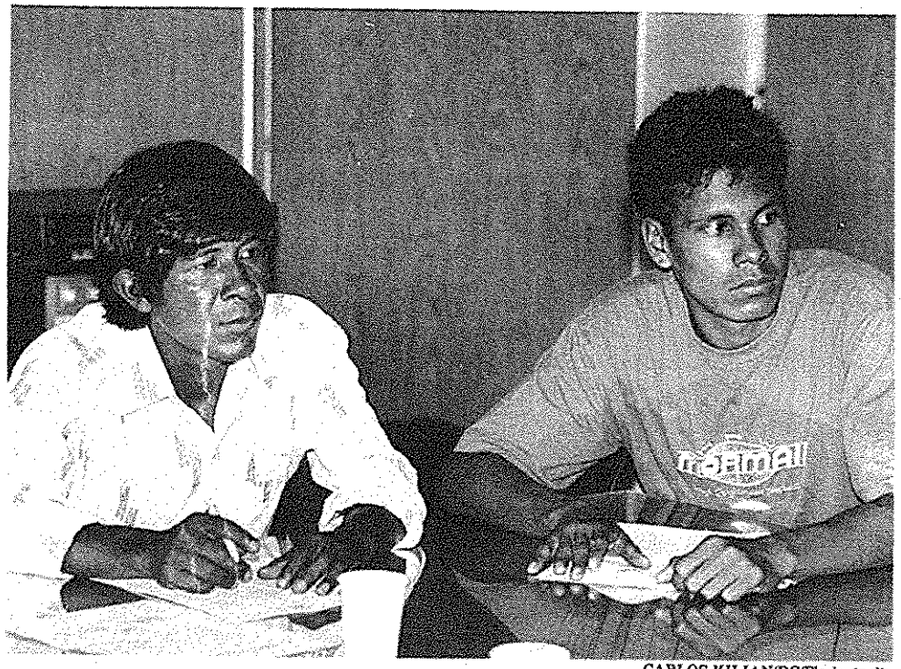
190 | 1789

Índios protegidos da duplicação

FLORIANÓPOLIS

DNER, Funai, UFSC e representantes de uma das 16 comunidades dos índios guarani - que vivem no trecho Garuva-Palhoça - discutiram ontem medidas de proteção por causa da duplicação da BR-101. "Os guarani são essencialmente agricultores. Eles estão preocupadíssimos com a questão da terra", afirmou Maria Dorotéa Darella, antropóloga da UFSC, uma das autoras do relatório complementar, que orientou em parte o projeto de engenharia da duplicação. Do termo de compromisso assinado pela Funai e DNER constam obrigações como a elaboração e implantação de um programa sócio-econômico e ambiental para adaptação das comunidades indígenas. "Não temos como fugir da realidade. Temos que viver com isso e saber o que será feito de benfeitorias", disse o cacique Milton Moreira Wherâ, da aldeia MBiguaçu, localizada no quilômetro 189 da BR-101.

Ao DNER caberá a construção de passarelas ou passagens subterrâneas próximas à aldeia MBiguaçu e às futuras áreas das comunidades Corveta 1 e 2, Rio Bonito, Rio do Meio e Garuva. Placas de sinalização estão no termo, mas há preocupação com o texto e as indicações do local. "Temos de ter cuidado para que as aldeias não passem a ser atrações turísticas e sem regiões a serem respeitadas", explicou Paulo Roberto Dziedicz, chefe do Serviço de Apoio Operacional da Administração da Funai em Curitiba. Oito casas serão construídas para as famílias da aldeia MBiguaçu, mas segundo Wherâ, 11 famílias compõem a aldeia. "Somos 47 pessoas ao todo", calculou. Uma casa de artesanato, construída pelo órgão, servirá para escoamento da produção da comunidade. "A caça e a pesca já morreu. Agora, só temos o artesanato", contou Wherâ.



CARLOS KILIAN/DC/Florianópolis

CUIDADOS: O cacique Milton Moreira Wherâ (E) esteve reunido com autoridades

GUARANI - Pelos cálculos da antropóloga Maria Dorotéa, hoje estão registradas cerca de 25 comunidades indígenas, que vivem no trecho Garuva-Palhoça, mas não apenas às margens da BR-101. Algumas destas comunidades estão desocupadas, pelo deslocamento dos membros das aldeias para outros locais. Nem todas têm a situação da MBiguaçu, que possui área identificada e delimitada, embora não esteja homologada pela Funai. "Outros caciques estão angustiados porque não têm área delimitada", disse a antropóloga.

O território da aldeia MBiguaçu terá sua área aumentada. Segundo Wherâ, a preocupação da aldeia não se resume só à casa de artesanato. "Precisamos das passarelas, por causa do fluxo de veículos", afirmou o cacique. "A firma que tiver uma aldeia indígena no seu trecho, terá de monitorar se há problemas com a comunidade, por causa da duplicação", explicou o gerente ambiental do DNER, responsável pela duplicação São Paulo-Curitiba-Florianópolis, Marco Andrey Hermógenes. Ontem à tarde, foi elaborado cronograma de ações do DNER e da Funai.